

Ana Miranda

SEMÍRAMIS

ROMANCE



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2014 by Ana Miranda

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009. Por decisão da autora manteve-se a antiga
ortografia em alguns casos.*

Capa e projeto gráfico

Victor Burton sobre desenho de Ana Miranda

Preparação

Márcia Copola

Revisão

Ana Maria Barbosa

Huendel Viana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cnp)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Miranda, Ana

Semíramis / Ana Miranda — 1^a ed. — São Paulo :
Companhia das Letras, 2014.

ISBN 978-85-359-2390-2

1. Ficção brasileira 1. Título.

14-00589

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.93

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

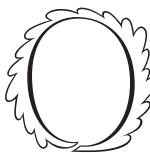
Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br



Viagens políticas



Alagadiço Novo era o outro lado do mundo, o que de mais eu podia almejar em termos de léguas. Ia ser a minha primeira viagem, no rumo da família Alencar, tão prezada por meu avô que não prezava a ninguém com tanto respeito. Vovô tratava-me como a um neto rapaz, permitia que eu escutasse as conversas governativas, andasse a cavalo em passeios solitários, jogasse bilhar, fumasse de seu cachimbo e assistisse às sessões da Câmara na sala livre. Jamais me deitava olhos de censura. Ele mandou vir do sítio cavalos e mulas e contratou um guia, assim na vila do Crato ficaram sabendo de nossa ida ao Alagadiço. Saiu no jornal *O Araripe* uma nota reprovando a ausência do vereador. A sala era livre, mas a vida, nem tanto. O rastilho se acendeu de casa em casa. Senhores se juntavam nas rodas de conversa, às mesas de bilhar, nas esquinas, a considerar nossa viagem. Senhoras nas esteiras de suas salas faziam perguntas, outras desciam das redes e se descruzavam para vir à nossa casa em visitas “casuais”. Deixaram seus cachimbos, seus doces e a água fria, deixaram as redes e foram às janelas, às casas umas das outras, ou sentavam na soleira da porta a fumar, especulando o motivo da viagem. O motivo da nossa viagem era político: meu avô ia se filiar ao novo partido que o padre Martiniano estava fundando no Alagadiço Novo.

O avô exclusivo

 a ser uma exultante oportunidade para eu avaliar o tão aclamado mundo. Eu nunca tinha saído de minha vila e era menina-moça, idade em que *as predileções têm mais vigor e são paixões*. Minha avó disse suas ironias para mim, como se eu fosse uma lagarta a virar borboleta, e para vovô, que não é bom turvar a água que se vai beber, cousa que não entendi bem, mas ele, sim, pois ficou taciturno. Semíramis estava entre feliz e desconfiada, ela me deu um chapéu de palha rendado, com um véu preso por fitas e de abas largas, arrumou-o em minha cabeça e olhou-me de uma maneira estranha, como se me visse pela primeira vez. *Até que tu és bonitinha*, ela disse. *Corada e bem-parecida. Por que não te arrumas como menina-moça?* Minha irmã queria que eu fosse à banca de costuras encomendar uma toalete de passeio, simples e ligeira, para a chegada ao Alagadiço Novo, quem sabe eu encontraria *alguém* por lá? Semíramis sempre estava em busca de *alguém*, atirando a esmo e com a fina pontaria de um cupidinho. Inventava às vezes que algum seu pretendente estava enamorado de mim. Mas minhas roupas costumeiras me bastavam, eu pensava mais em aprovisionar meu fumo e no que poderia privar com a presença de meu avô, constante, exclusiva, porque durante a viagem eu teria o meu avô só para mim, o meu avô só para me dar olhos, seus olhos limpos e divinos, o meu avô só para me dar ouvidos e toda a sua atenção, a destilar sua memória só para mim, o brilhante rastro de seu espírito só para mim e mais ninguém.

Advogado da razão

A

ntes de seguir para o Alagadiço Novo, vovô pediu permissão aos vereadores e ao juiz para se ausentar. Sua viagem foi muito debatida na câmara pelos conservadores, nem mesmo os liberais o apoiaram, sabiam de sua missão junto ao padre Martiniano, desconfiavam dessa fundação de um novo partido, tudo estava despedaçado depois das guerras de 17 e 24. Tinham receio de um terceiro banho de sangue. Um desconfiava do outro, até entre os do mesmo partido. As lembranças ainda galopavam pelas ruas, dando tiros. Mas meu avô era pertinaz. Fez um discurso sobre a renovação política, iria se encontrar com homens da capital e traria novas ideias, apelou para os sentimentos que muitos ali mantinham vivos, de deferência pela luta republicana. Não mencionou o padre José Martiniano nem uma vez, era um nome que acendia polêmicas. Evocou, sim, a mãe do padre Martiniano, sabendo da influência que dona Bárbara exercia no espírito daqueles senhores, mesmo os adversários, dona Bárbara estava acima de qualquer desdita política. Mas, como sempre, meu avô conseguiu dobrar os camareiros *altivos e façanhudos*, que *falavam grosso diante do clero, uma potência no campo civil*, mandavam mais do que o rei. E o fez, sentado em sua cadeira de balanço, na sala de nossa casa, tomando com eles uma aguardente desenterrada, deu a entender que traria uma resposta quanto ao *segredo* do padre Martiniano. Um segredo que não era secreto, murmuravam dele nos corredores da câmara, nas calçadas da cadeia, nas redes das alcovas. *Convém, senhores, não confundir um incidente com o fato.* Mas precisavam saber do andamento do enredo. Uma nódoa na vida do padre Martiniano poderia ser uma arma polí-

tica nas mãos dos conservadores. Vovô conhecia a alma humana, ainda mais a dos seus pares, que andavam com a lei na mão e a lazarinha na outra. Na negociação entrou outra moeda: vovô foi encarregado de levar cartas e presentes para distribuir pelo caminho, nos sítios, nas aldeias, vilas onde moravam familiares dos vereadores.

A caixinha de Semíramis



emíramis, de ordinário tão alegre e travessa, sempre a primeira a lançar-se ao meu encontro, a sorrir-me e dar-me os bons-dias, estava toda amuada quando veio me entregar uma caixinha amarrada por fitas, com a recomendação expressa de eu não abri-la antes de chegar ao Alagadiço Novo, sob nenhuma suposição. Ela me fez prometer, e prometi. Saltou, de tão alegre que ficou. Fez-me mil carícias, sorriu, coqueteou. Tão travessa que eu não conseguia ralhar com ela para ter modos. Semíramis estava segura, conhecia o meu espírito indagador, minhas aspirações, mas também o meu caráter consciencioso e a minha força de vontade. Nunca fui capaz de descumprir uma promessa, ignorando os *súbitos desenlaces que às vezes fazem o efeito de uma guilhotina*. Vovô dizia que a palavra era uma arma, mas para ter força devia ser venerada, sagrada, cunhada em verdades, com o escrúpulo da exatidão, a palavra era fatal e infalível. Eu mesma acho que fui construída com as palavras de meu avô, misturadas às de vovó, forjaram com suas frases a minha mente. Também as palavras de Tebana me eram fundas. Semíramis foi feita das palavras escritas por uma pena que *desce do seio das nuvens, pura, fresca e suave como uma odalisca que roçagando as alvas roupagens de seu leito resvala de seu divã de veludo sobre o macio tapete da Pérsia*. Eu era fiel a minha palavra e cumpriria a promessa, não abriria a caixinha mesmo se ficasse morta de curiosidade, mesmo se tivesse alguma suspeita arrasadora. Eu era capaz de morrer para não me desdizer.

O sorriso de Semíramis

esava pouco o volume que Semíramis depositou em minhas mãos após pedir que as abrisse em concha, e me obrigou a repetir as palavras de promessa que ela mesma ditou. Duas vezes prometido, Semíramis deu aquele sorriso misterioso que comentava seus ardil, desmentia o olhar, causava medo, e me deixou a sós com a caixinha para que nos entendêssemos, mediante nosso contrato. Pensei em me desdizer dessa vez e abrir logo a caixinha e desvendar o mistério. Ou abrir só de curiosidade e depois fechar, mas isso não era de meu temperamento. Para prevenir tal tentação, a caixinha só se abriria se eu cortasse as fitas, tal o emaranhado de nós cegos e laços. A caixinha não fazia ruído quando eu a balançava. Por um longo tempo especulei o que haveria ali dentro, se um terço para rezar, uma medalha para me proteger e ao vovô, se uma memória, um pequeno sabonete de tingui, algo enrolado em algodão para que o ruído não denunciasse a natureza daquele conteúdo. Mas era tão leve! E pensei, não, Semíramis não era como eu. Do modo como eu conhecia as suas manhas, ali haveria apenas uma folha seca do quintal. A intenção do mistério seria lembrar-me de pensar em minha irmã por todo o caminho até o Alagadiço Novo, a cada instante de devaneio, a cada momento de silêncio, dia após dia, como um pequeno espinho que ela me fizesse penetrar no dedo e a todo toque ele alarmasse. O expediente engenhoso teria como fim a presença constante de Semíramis durante a viagem, ela ao mesmo tempo ficava, e ia, ela não me deixava a sós com vovô, estendia até nós o seu gesto habitual de faceirice, pelo caminho afora, mandava sua sombra buliçosa a nos acompanhar em forma de nuga, quem resiste a

um mistério?, e por mais inocente que fosse aquele pequeno manejo, era sempre um esforço para me inquietar com a sua sinuosidade.

A palidez do vinagre



Semíramis era mesmo uma imagem rara, cabelos louros, brancura de camafeu, num país em que as moças bebiam vinagre para ficarem pálidas. O rosto era em forma de um ovo de cisne, a boca pequena, mas cheia, o nariz afilado, olhos escuros. Uma *flor transformada em sílfide, fada ligeira* que deslizava docemente entre os seres derramando *pérolas de seu orvalho e fragrância destilava de seu seio delicado*. Estimava as rendas francesas, fitas de veludo, chapéus floridos, anquinhas, e encomendava atavios assim ao galego, sem fazer as contas. Encomendava no Recife cousas preciosas aos navios europeus. Quem trazia a encomenda era o padre Simeão. A Semíramis, para o padre Simeão, era um encanto em forma do imponderável, acho que ele era enamorado de minha irmã, sem saber, ou sabendo. Ele falava suspirando e olhando Semíramis, que o ignorava, ela só lhe dava atenção quando queria encomendar suas cambraiás ou rogar que fizesse um pedido ao vovô, para deixá-la ir a um sarau, faltar às aulas de piano, licença para uma visita ou assistir a uma sessão de teatro, ou, o que ela mais gostava, ir ao *ato* no adro da igreja, para ser presenteada pelos rapazes com os objetos rematados, ela arrebatava quase todo o acervo do leilão, deixando as outras moças logradas. E lá vinha o padre Simeão de Recife, com as mulas transbordando de carga. Pobre padre, com seu altar portátil, obrigado a carregar as vaidades de Semíramis, mas Semíramis não se apiedava dele, minha irmã seria capaz de fazer o papa ir ao Crato somente para levar seus botões de madrepérola.

As malinezas de Semíramis

O

povo dizia que Semíramis era uma santa. Mais uma astúcia de minha irmã, suas finuras não tinham fim. De uma malícia de Semíramis saía outra, e outra de outra e mais outra de outra. Não tinha simpatia pela bondade, ela dizia que bondade era causa de gente simplória e sem estima por si mesma, gente bondosa era gente com culpa no mundo, com rabo preso, acho que de certa forma estava certa, e se podia, ela maltratava: espetava besouros com agulha, tirava a comida ao cachorro, soltava os cavalos das visitas, jogava sal na panela de Tebana, cuspia na água da cacimba, fazia algum menino atirar pedras em filhote de gato, tudo aos risos. Esqueceu-me dizer: isso na infância. Chamavam-na de *travessa*. Mocinha, deixou de lado essas malinezas sem consequência e aprendeu a agir com presunção, só maldava para seu bem, quando queria tirar um proveito. Ficava de febre na cama se lhe proibiam um baile. Deixava cair a sidra sobre o prato que não queria comer. Doava suas roupas na igreja, para ganhar novas, e ainda passava por caridosa. Espalhava histórias para infamar suas rivais. Cólicas, zangas e mentiras eram seus argumentos. Tudo ela conseguia, com graça e encanto. Maltratava os rapazes, levando-os na ponta dos dedos, dizia *sim*, depois dizia *não*, dava esperanças, deixava os pretendentes se apaixonarem e depois dispensava, ia arrebanhando um cor del de aspirantes. Sabia usar as roupas e cores para atrair ou repelir. Conhecia a arte das lágrimas fingidas e de dissimular sentimentos. Uma arte ou uma ciência? Ainda assim era amada, muito mais que eu, até mesmo eu a amava mais do que a mim mesma. Causa a seu favor: ela não escondia a sua intenção, *Ras-*

guei este vestido só para ganhar um novo!, e tudo virava motivo de riso. Tinha talento, tanto para piano como para mentir, acabava atriz.

Pomba da Babilônia

adre Simeão disse que Semíramis foi uma bela rainha do tempo antigo que reinou sobre muitos países por mais de quarenta anos, a Pérsia, Assíria, Armênia, Arábia, sobre o Egito, sobre toda a Ásia, e foi essa rainha que fundou a Babilônia com seus jardins suspensos. Na Bíblia ela é a Diana dos efésios, aquela que toda a Ásia e o mundo veneram. Disse o padre que a Semíramis era filha de uma sacerdotisa que a abandonou no deserto, de madrugada, para morrer, mas a criança foi alimentada por umas pombas, até que um pastor de nome Simas a encontrou e levou. Ela se casou com um dos homens mais poderosos do mundo, Ninrode, o homem que construiu a torre de Babel porque desejava se vingar de Deus pela destruição de seus antepassados, a primeira tentativa do Satanás de formar um ditador mundial, disse o padre, e todas as religiões falsas do mundo nasceram na Babilônia. Semíramis era chamada *rainha do firmamento*, e dizia o padre Simeão que ela não morreu, mas foi levada aos céus em forma de uma pomba. Só os poetas não a compreendiam. Minha irmã Semíramis escutava essas lendas contadas pelo padre Simeão, mordia os beiços, e quando se levantava estava mudada, parecia mesmo uma pomba coroada de ouro que ia levantar voo para reinar sobre a Ásia inteira. Quem escolheu o nome de Semíramis foi mamãe, que nunca explicou essa escolha e levou os motivos para o além. Há motivos para nomes, e há nomes para os motivos, mas muitas vezes os nomes passam a ser o próprio motivo e a própria causa. Perguntei ao padre Simeão sobre meu nome, mas ele nada sabia. Meses depois apareceu com a resposta, *Iriana* é nome hebraico, significa a mais ilustre, que

vai ganhar dinheiro e conquistar posição, mas sempre solitária, severa, distante e duvidosa. Tudo isso eu acho que o padre inventava.